

AULA DE CAMPO COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA

Patrícia Araújo de Sousa¹
Janiele Pereira da Silva Santos²
Tamires dos Santos Cirilo Diniz³
Alane de Souza Silva⁴

RESUMO

O presente artigo aborda a prática da aula de campo como metodologia de ensino para a geografia física, instrumento esse que deve ser utilizado como forma atrativa para os discentes. A aula de campo traz consigo subsídios para um significativo desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para a aquisição de conhecimentos a partir da assimilação dos conteúdos vistos em sala de aula associando com o campo, possibilitando a progressão da disciplina de Geografia juntamente com a inovação de práticas metodológicas de cunho pedagógico concedido pelo educador. Partindo destes pressupostos, o principal objetivo é discutir a importância da aula de campo quanto uma ferramenta metodológica nas aulas de Geografia no ensino fundamental e médio. Para a elaboração desse estudo, recorreremos a experiências pessoais adquiridas durante uma aula de campo, que almeja promover discussões acerca da temática, favorecendo o ensino da Geografia mediante a aplicação de um método dinâmico e compreensivo. Os principais autores que embasam esse trabalho foram: Bueno (2009), Cordeiro e Oliveira (2011), Rodrigues e Otaviano (2001), nos discursos sobre a aula de campo como contribuinte para uma melhor compreensão dos conteúdos geográficos e sua importância para o aprendizado, em que o professor deve basear-se na realidade do discente. Através dos resultados de uma aula de campo realizada pela turma acadêmica do Curso de Geografia da UEPB, Campus III, e do posicionamento de diversos teóricos, espera-se que seja notado o reconhecimento que essa metodologia apresenta para o alunado na sua inserção no meio em está inserido.

Palavras-chave: Aula de Campo, Metodologia de Ensino, Geografia Física, Conhecimento.

INTRODUÇÃO

A Geografia desde seus primórdios dá uma significativa importância aos meios rurais e urbanos, havendo-se uma divisão no modo relacionado a cada campo de estudo. A

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, patriciaaraujodesousa@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, janielesantosP20@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, tamiresdiniz193@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, alaneraphaelcunha@gmail.com.

Geografia tem como suas áreas de estudos uma diversidade de elementos e existem várias ramificações, como Geografia Política, Geopolítica, Geografia Ambiental, Geografia Crítica entre outras que são de grande relevância para nosso conhecimento tanto teórico como pedagógico. Tradicionalmente temos as chamadas Geografia Física e a Geografia Humana, onde se enquadra todas as geografias. A Geografia Física está relacionada à natureza com o relevo, o clima, a vegetação, o solo e as águas. E a Geografia Humana estuda a relação do homem com o meio que o cerca.

Dentre as metodologias que auxiliam na prática educativa para o ensino de Geografia, ressaltadas por Louzada e Frota Filho (2017, p. 75-84) como: Reálías (objetos e conceitos), Terrário (o mundo em miniatura), Estudo do Meio (análise da própria realidade) e Mapa Mental (visão detalhada e focal), destacamos a Aula de Campo como uma forma do/a aluno/a adquirir novos conhecimentos de maneira mais prazerosa, principalmente no ensino de Geografia para o ensino fundamental e médio. Todavia, a utilização desse método para o ensino da Geografia é uma forma de adquirir o saber.

Essa metodologia de ensino contribui para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises práticas da paisagem do ambiente observado, ampliando os seus horizontes geográficos ao ir além dos textos e fotografias do livro didático, e permitindo o desenvolvimento de diversas habilidades nos alunos, tais como identificar, distinguir e ampliar os conhecimentos adquiridos nas instituições de ensino, comparando-a com a realidade do lugar em que os envolvidos estão habituados (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011, p. 3).

O objetivo deste trabalho visa discutir a importância da aula de campo quanto uma ferramenta metodológica nas aulas de Geografia no ensino fundamental e médio, possibilitando a junção entre teoria exposta em sala de aula e a vivência na prática com a aula de campo; facilitando a percepção dos educandos através do contato com o meio que o cerca; estimulando o alunado a ser um indivíduo crítico e pensante. Zoratto e Hornes (2014) indicam que a aula de campo é uma ferramenta didática que contribui muito na assimilação e ligação entre teoria dada em sala de aula com a observação do campo.

A Geografia é um componente curricular que possibilita o indivíduo a entender o ambiente em que vive. No contexto atual, precisamente no ambiente escolar, a geografia ainda é apresentada por intermédio do ensino tradicional, ou seja, não há vínculo de um determinado assunto com a realidade do alunado, tornando os conteúdos geográficos enfadonhos geralmente apresentados nos livros didáticos, como anuncia os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 135), “o ensino de Geografia, de forma geral, é

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

realizado mediante aulas expositivas ou leitura dos textos do livro didático”. Quando nos referimos a recurso metodológico, há uma questão muito importante a ser indagada: De que maneira a Aula de Campo torna-se metodologia facilitadora no entendimento dos conteúdos relacionados à Geografia Física?

Tendo em vista a realidade do ensino de geografia nos dias atuais, é necessário pensar numa proposta pedagógica e metodológica onde os discentes entendam e relacionem o que se é argumentado com o que eles veem ao seu redor, possibilitando o relacionamento entre teoria e práxis, ou seja, sala de aula e aula de campo. Isso é uma prática pedagógica, pois não é apenas transmissão de conhecimentos, mas é possível instigar as curiosidades, proporcionar o interesse e desenvolver o pensamento crítico do educando.

METODOLOGIA

Com o propósito de anunciar perceptivelmente a importância da aula de campo como prática pedagógica para o ensino da geografia, utilizou-se o estudo em uma estratégia qualitativa, através de uma pesquisa de campo ligadamente ao estudo bibliográfico. Partimos da cidade de Guarabira, onde está situada a Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, sob a supervisão do professor Leandro Paiva, rumo a uma aula de campo com as turmas do curso de Geografia, graduandos dos turnos tarde e noite, no qual o trajeto seguiu do litoral ao sertão, passando por várias cidades que vão ser especificadas no decorrer dessa pesquisa

O estudo bibliográfico pautou-se nos trabalhos de Rodrigues e Otaviano (2001) e Cordeiro e Oliveira (2011). A pesquisa bibliográfica “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 43-44).

Dessa forma, torna-se inegável que o estudo bibliográfico precisa anteceder o estudo de campo, pois o pesquisador deve ter conhecimento apropriado sobre a temática a ser estudado. Conforme as Diretrizes Curriculares de Geografia para Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação do Paraná:

A aula de campo é um importante encaminhamento metodológico para analisar a área em estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, por exemplo, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local bem delimitada para investigar a sua constituição histórica e realizar comparações com os outros lugares, próximos ou distantes. Assim, a aula de campo jamais será apenas

um passeio, porque terá importante papel pedagógico no ensino de Geografia (PARANÁ, 2008, p. 80 e 81).

DESENVOLVIMENTO

No que se refere à Geografia Física e a aula de campo, percebe-se que a Geografia Física estuda o meio físico do nosso planeta e seus principais elementos que os estruturam, como: relevo, águas, climas, fauna, vegetação e solo. Essa área da geografia é de suma importância para o estudo da natureza e relevante para o homem compreender o meio em que vive, procurando entender o ambiente e propiciar a compreensão direta quanto às características locais. Para a geografia, o espaço social se tornou fonte de estudo, uma nova vertente para deixá-la dinâmica, ao menos nessa disciplina em sala de aula.

O estudo do meio retratado acima se completa com base ao emprego da utilização do campo como metodologia de ensino, com o principal intuito de despertar a motivação e o interesse do discente em entender os conteúdos da Geografia Física que são vistos em sala de aula. Através desta prática, o educando intercala a assimilação dos conteúdos de sala com a observação em campo, como pode ser constatado no discurso de Cordeiro e Oliveira (2011, p.103) que

Dentre os recursos para auxiliar no ensino de Geografia, as aulas de campo aparecem como um instrumento eficiente para o estabelecimento de uma nova perspectiva na relação aluno/aprendizagem, pois o aluno passa a “ver” a Geografia em vez de “ler” a Geografia, permitindo assim, uma maior compreensão do espaço geográfico.

Dessa forma, o trabalho em sala de aula com a aula de campo tem o significativo valor educacional interligado ao aprendizado do alunado através desta prática pedagógica. Conforme Rodrigues e Otaviano (2001, p. 35), “o contato com a realidade dará ao aluno uma nova dimensão dos assuntos tratados nas aulas o que, se bem programado e orientado, servirá entre as tantas finalidades, estimular o estudo articulado com as diferentes disciplinas”.

As práticas de aula de campo são essenciais para os discentes no curso de formação de professores, principalmente para quem almeja ser um profissional na área da educação, pois esse procedimento configura como um elemento chave. A utilização deste recurso deve ser feita com muita atenção para que não seja entendida como um momento de lazer, mas sim uma forma de aprendizado.

Desta maneira, para a realização de uma aula de campo, o docente deve conter um roteiro atendendo alguns requisitos necessários, como: Transporte; Acomodação ao chegar ao

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

destino final; Conteúdo programado do que será feito em campo; Materiais como mapa, se forem necessário à utilização; Conhecimento prévio do trajeto a ser percorrido; Todo conteúdo trabalhado em campo deve conter ligação com o trabalhado em sala.

De acordo com Cordeiro e Oliveira (2011), para que haja um melhor resultado no desenvolvimento do conhecimento e da formação do discente é de fundamental importância à utilização de novas metodologias e recursos de ensino para que, desta forma, o aprendizado não seja atribuído a algo chato, monótono, cansativo, devido ao fato de se colocar distante da realidade do aluno. (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011.p.105)

Fica evidente a significação da aula de campo por proporcionar uma vasta contribuição para o aprendizado de ambas as partes envolvidas, sejam educadores e/ou aprendizes. Este recurso é muito significativo para o entendimento do lado físico da Geografia. Os subsídios deste recurso didático no componente curricular de Geografia ficarão ainda mais visíveis a partir do discurso da atividade a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na finalidade de aplicar as aprendizagens adquiridas em sala de aula mediante uma atividade de campo, a equipe composta por estudantes de graduação em Geografia da UEPB, Campus III, professor e motoristas, partiu da cidade de Guarabira, localizada no Estado da Paraíba, com destino a Patos – PB, passando por João Pessoa - PB e Cabedelo, sua Região Metropolitana, ocorrendo em dois dias: 27 e 28 de abril de 2018. Foi possível observar os aspectos físicos das respectivas cidades.

O momento da atividade de campo caracterizou-se a prática empírica, onde os/as alunos/as tiveram o contato direto com o objeto de estudo, podendo observar e investigar o mesmo. As localidades visitadas e as respectivas atividades desenvolvidas serão apresentadas a seguir.

Guarabira está localizada na região do agreste paraibano, mais conhecida por Rainha do Brejo, predomina o clima quente e úmido, sendo a nona cidade mais populosa da Paraíba. Em 1884, com a implantação da linha férrea, intensificou o comércio de produtos, principalmente algodão e sisal. (NASCIMENTO; MARQUES; SANTOS, 2016). E isso levou mais a frente sua emancipação política, a dinâmica do comercial se ampliaram e sua urbanização teve um forte crescimento. Os serviços que a cidade passa a oferecer a população

também aumentaram, passando a ser um centro de comércio das cidades ao seu entorno, sua localização foi algo que favoreceu o seu desenvolvimento.

Guarabira atualmente é referência em termos estruturais de bens e serviços, disponibilizando comércio, saúde, educação para maioria das cidades vizinhas, pela qual recorrem à cidade que conta com algumas empresas, movimentando a economia e gerando emprego. Tem um Hospital Regional e uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento), empresas como da Guaraves que gera muitos empregos em toda a região, redes de transporte dentro do estado e até pra fora.

Passando por pelo município de Mari, foi observado as plantações de macaxeira e vários outros produtos agrícolas, acampamentos de pessoas sem terras que ocupam o local. Já em Sapé, a cultivação do abacaxi é mais predominante no município, tendo o clima adequado para sua cultivação. No entanto, para sua plantação, é preciso capital para investir na sua produção que dura em média dezoito meses até sua colheita (CARVALHO, 1985). Com desenvolvimento em tecnologia e os sistemas de irrigação, o tempo de produção varia. Outro fator que tem bastante influência é o uso de agrotóxicos, levando em consideração o preparo da terra.

Atualmente, o uso de agrotóxicos nas plantações é cada vez mais intenso, levando em conta que alguns são proibidos pelas entidades responsáveis, além de trazer várias doenças para as pessoas que trabalham com o produto sem proteção, fazendo muito mal a quem consome o produto e também poluem os lenções freáticos, pois em período chuvosos, são levados para os reservatórios de água e até mesmo para o consumo, trazendo sérios riscos para a população.

Passamos por João Pessoa, capital paraibana, que foi fundada em 1845. No passado era agrária, através de atividades agrícolas como a cana de açúcar nos engenhos, que com o passar do tempo foi substituída por usinas. Surgiu também serviços como abastecimento de água e fornecimento de energia, as ferrovias teve papel fundamental no desenvolvimento do comércio e na circulação de pessoas (OLIVEIRA; SILVA, 2016). A cidade surge às margens do rio com o intuito de garantir água para o consumo e as necessidades básicas da população, assim também como o desenvolvimento das fábricas, pela qual a cidade passa a receber imigrantes do campo em busca de empregos e a urbanização começa a ter um ritmo mais acelerado.

Atualmente a capital paraibana se destaca em indústrias alimentícias, onde o comércio movimentava muito a economia local e do estado inteiro. Os pontos turísticos da cidade é algo que atrai gente do Brasil inteiro, com suas belas praias e monumentos históricos da cidade, sua beleza e sua riqueza é exuberante, vem crescendo bastante principalmente sua urbanização. A construção civil é um ramo que tem investido muito capital, e também gerado muitos empregos no estado inteiro, a maioria dos trabalhadores são de fora da capital. Conta também com frota de transporte coletivo dentro da cidade, e outras empresas para fora de João Pessoa, que circulam no estado, as áreas de lazer como shopping, a educação é uma referência para a maioria da população do estado, como Universidade Federal da Paraíba, entre outras.

O porto de Cabedelo que exportados e importados muitos produtos pelo rio Paraíba, movimentando a economia e gerando renda, conhecemos um pouco de sua história contada por um senhor que trabalha no local. Além disso, visitamos Forte de Santa Catarina conhecido como Fortaleza de Santa Catarina, que ganha esse nome por causa da duquesa Bragança. A fortaleza localizada a margem do rio Paraíba, que impedia a entrada dos holandeses, tornando-se um local com muitas histórias e sendo ponto turístico muito visitado no Estado. Foi um local de muitas batalhas e sofrimentos, dentro do Forte estrategicamente tem um poço indispensável para a sobrevivência, em que é um lugar com várias saídas que davam para o rio, grande tática para possível rota de fuga.

Seguimos rumo à Praia do Jacaré que é muito conhecida por sua beleza natural, principalmente o pôr do sol. O local recebe muitos turistas em toda época do ano, no qual o comércio e o artesanato são locais, com passeios de barcos no rio, que é largo, e as margens nos mangues observam-se os caranguejos. A noite tem shows culturais, a culinária também ganha destaque por sua diversidade e sabor.

A cidade de Patos, localizado no Sertão Paraibano, é uma cidade desenvolvida, sua urbanização ainda está em crescimento, em que o forte comércio gera emprego e movimentava a economia local e cidades e municípios limítrofes. A cidade de Patos tem ruas largas e asfaltadas com clima semiárido quente e seco. Durante o dia, as temperaturas sobem e a noite elas caem. Patos é a terceira cidade com maior PIB da Paraíba, exporta para várias outras cidades produtos alimentícios e industriais, calçados, minérios não metálicos (NASCIMENTO; LIRA, 2013). A cidade conta com várias agências bancárias e com grandes

redes logísticas, a educação ganha destaque a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, onde conta com vários cursos, e atrai estudantes de muitas cidades.

Contudo a cidade tem alguns problemas referentes à sua estrutura e sua urbanização acelerada, em que o sistema de tratamento de saneamento básico que atinge a maioria dos bairros. Não tem Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) para atender as necessidades da população, impossibilitando a instalação de grandes empresas (NASCIMENTO; LIRA, 2013). A população de Patos é desenvolvida, no entanto, sua urbanização precisa de mais planejamento.

Por fim, visitamos Taperoá uma cidade pequena do sertão paraibano com poucos habitantes, apresentando clima seco e quente, que ficou muito conhecida por ser retratado o filme Auto da Compadecida, escrita por Ariano Suassuna.

Pode-se notar as formas de relevo e as mudanças paisagísticas, a vegetação no período de chuvas, mudando totalmente o cenário geográfico. Na subida da Serra do Teixeira, a vista é a paisagem, sendo a vegetação bem escassa de fácil evaporação de água. Ao término do período chuvoso, a mesma fica seca por ser frágil. Já no período de seca, a vegetação fica escura com galhos secos, o clima fica mais quente, apesar de ser quente de dia e a noite bem mais frio, por causa da altitude.

Como mostra as figuras abaixo (Figura 02), há modificações na vegetação, nos recursos hídricos e na coloração da própria rocha. A análise do espaço geográfico, suas percepções com relação relevo hidrogeografia e vegetação bem visíveis nas paisagens.



Figura 01: Mudanças na vegetação da Pedra do Tendó, em Teixeira – PB.
Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2018.

Tudo fica mais compreensível quando se há prática no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo em uma aula de campo, assunto na qual está sendo abordada nesse trabalho, deixando claro sua significativa importância na obtenção de conhecimentos, associando as teorias estudadas em sala de aula.

As viagens são alternativas de proporcionar a integração e socialização entre professor e estudantes, além de favorecer o entendimento sobre os referidos conteúdos inerentes a Geografia, permitindo estimular a observação da paisagem local.

A aula de campo nunca vai ser tempo perdido, nem só passeio, pois serve de grande auxílio na formação do discente, concedendo ter uma base teórica melhor, possuir argumentos delimitando seus pontos de vista e compreender a Geografia, principalmente na área de Geografia Física que é muito complexa.

A educação escolar tem todo um traçado, particularmente em relação ao livro didático que já tem todo conteúdo programado, parecendo uma ferramenta completa capaz de propiciar um aprendizado simples e eficaz. Porém, não deve ser trabalhada sozinha, pois precisa está conectada a novos recursos metodológicos. Com a aula de campo é possível aproximar o aluno aos conteúdos de geografia de forma significativa.

Enfim, a aula de campo pode oferecer momentos únicos para os envolvidos no desenvolvimento educacional, pois se fazem presente no processo de compreensão dos elementos do espaço geográfico.

A partir deste relato de aula de campo fica evidente a intensidade desse meio didático para fins de aprendizado. Para Matheus (2007, p. 142), “[...] é nessa perspectiva que considero importante sair do espaço escolar mais formal, com papéis definidos e cadeiras ordenadas, para um local que nos permita [...] proporcionar um novo olhar ao que já está dado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula de campo é indispensável no processo de aprendizagem, pois possibilita ver os conteúdos na prática, além de ficar uma aula mais atrativa que o habitual, garantindo muitas fontes de conhecimentos ao mesmo tempo fazer relações com o cotidiano.

Entretanto deve ser planejado, e assim fazer uma ponte entre conteúdos abordados em sala, principalmente na Geografia Física que é considerada um assunto complicado se de entender, pois abrange vários elementos, dificultando um pouco a assimilação.

O intuito da aula de campo é proporcionar aquilo que não pode ser visto em sala de aula, visto que na Geografia Física e o estudo da natureza são concedidos o entendimento em campo. Com essa metodologia, pode-se observar, tendo um contato maior com determinados fenômenos naturais, as formas de relevo, a vegetação entre outros recursos naturais, recursos hídricos, mudança na paisagem, fatores climáticos, tipos de solos etc.

Tendo em vista as dificuldades do alunado quanto à absorção dos conteúdos de Geografia Física, a aula de campo se mostrou, metodologicamente, eficaz. No entanto, precisa haver um planejamento anteriormente, enriquecendo os conceitos e tornando a disciplina o mais real possível. Quando não há um planejamento corre-se o risco de se tornar apenas um passeio.

É fundamental considerarmos as dificuldades existentes na prática da docência no ensino de Geografia Física. Portanto, faz-se necessário o educador procurar inovar as aulas através de renovações metodológicas. A utilização do meio natural como obtenção de aprendizado é enriquecedor para a construção intelectual do aluno, estimulador para o despertar da curiosidade e pelo entendimento do meio que o cerca.

Enfim, é primordial explorarmos nosso território, procurando entender como ele funciona e a aula de campo proporciona todo esse entendimento. Ao empregar este método como recurso didático, é notória a significação em assegurar um olhar mais amplo acerca da Geografia, atuando como facilitador do trabalho pedagógico, estabelecendo mais significativo os conteúdos vistos com os discentes em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/ SEF, 1998.

BUENO, M. A. **A importância do estudo do meio na prática de ensino em geografia física.** Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, GO, v. 29, n.2, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/9028>>. Acesso em: 05 maio 2018.

CARVALHO, M. L. G.. **A cultura do abacaxi no município de sapé um exemplo de modernização.** 1985.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino- aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 099-114, maio/ago.2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/index.php/geografia>,. Acesso em: 05 maio 2018.

LOUZADA, C. de O.; FROTA FILHO, A. B. **Metodologias para o ensino de Geografia Física.** Geosaberes, Fortaleza, v. 8, n. 14, p. 75-84, jan./abr., 2017.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

MATHEUS, E. H. C. O que há por trás de uma panela? Uma atividade de campo como trajetória a um olhar geográfico. In: REGO, N; CASTROGIOVANNE, A. C; KSERCHER, N. A. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NASCIMENTO, J. R. F. do; MARQUES, A. C. dos S.; SANTOS, R. F. P. dos. **Uma análise sobre os circuitos da economia urbana em Guarabira-PB**. São Luiz, 2016.

NASCIMENTO, P. J. A.; LIRA, R. T. M. Artigo de revisão. **Uma abordagem sobre o desenvolvimento urbano da cidade Patos, Estado da Paraíba**. RBDGP (Pombal - Paraíba, Brasil), v.1, n2,p. 10-16, abr-jun., 2013.

OLIVEIRA, M. H. de S. G.; SILVA, J. C. da. **Um olhar geográfico sobre a história de João Pessoa**. São Luiz, 2016.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Ensino Fundamental e Médio**. Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Curitiba: 2008.

RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia Metodológico de Trabalho de Campo em geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10,p. 35-43, jan./jun.2001.

ZORATTO, F. M. M.; HORNES, K. L. Aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de geografia. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná, 2014. v. 1. Cadernos PDE.